

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS “BORRADAS” DO SISTEMA DA UNIVERSIDADE ABERTA - UAB NO BRASIL

Geraldo da Silva Gomes¹

Comunicação Oral

GT: Didática, Práticas de Ensino e Estágio

Resumo

Nos últimos anos, inúmeras são as propostas de agregarem áreas do conhecimento e sob a tutela de interdisciplinaridade transformar em licenciaturas, com a preocupação de incrementar processos de melhoria na formação de professores para a educação básica. O que é uma licenciatura “borrada” ou *blurred*? O que ela pode trazer de benefícios, quais são seus limites e potencialidades? Trabalha-se no presente texto com algumas dessas preocupações tendo com ponto de partida a Licenciatura em Computação pelo Sistema da Universidade Aberta do Brasil- UAB, mas a sob importância estratégica de se trazer a discussão didática para essas modelagens “borradas”.

Palavras-chave: Didática. Licenciatura. EaD. Professores

1 Introdução: Do Sistema UAB e seu curso de licenciatura “borrada”

A expansão da modalidade da educação a distância, com prenúncios já nos primeiros anos pós-publicação da Lei 9.939/96, ocorreu de maneira descontrolada na primeira década do século XX. “Brechas” legais possibilitaram uma profusão de cursos a distância, como um grande cardápio de ofertas de programas de formação técnica e superior surgissem em cada rincão do País. A abertura ou omissão nos textos legais permitiu associações entre entidades privadas e instituições de ensino superior públicas criassem discursos e dispositivos, com grande viés apologético, sobre a diminuição das brechas-abismos pelos programas educacionais.

A formação de professores não escapou a esse fenômeno por ser considerada de baixo orçamento para investimentos. As ofertas dos cursos como Normal Superior (já extinto), Pedagogia e das áreas de Letras e Matemática caracterizam esse primeiro momento de

¹ Pós-Doutor em Educação (UFBA), Doutor em Educação (UNISINOS). Docente e pesquisador da Fundação Universidade do Tocantins, membro do Grupo Pesquisa em Desenvolvimento de Mídia. Email: geraldo.gs@unitins.br

expansão, acompanhado posteriormente por áreas mais atrativas como Administração, Ciências Contábeis e Serviço Social para aqueles que desejavam se inserir mais rapidamente no tão propalado mercado profissional cujos braços encontravam-se abertos à espera de mão de obra especializada.

Processo de expansão sem regulamentação dessa natureza possuem um ciclo de lucratividade temporário até chegar o momento de seu desgaste sob efeito dos alunos que começam a refletir para além do Código do Consumidor, saindo da perspectiva de “clientes” para a de cidadãos com uma Constituição Federal e Códigos Civil e Penal existentes para auxiliar a sociedade na sua continuidade; bem no despertar dos Ministérios Públicos Estaduais e Federal aliados ao Ministério da Educação que despertaram sobre as lógicas muito específicas da lucratividade exagerada dos grupos associados e da qualidade duvidosa dos cursos e metodologias de ensino adotadas sob o grande guarda-chuva da relação educação-comunicação- novas tecnologias.

Tomadas de posição ocorreram. Situações aberrantes emergiram, segmentos da sociedade civil organizada se manifestaram. Algumas instituições foram tomadas como “bodes expiatórios” para a grande política de regularização dos processos de expansão da educação a distância. Descredenciamentos para a oferta de EaD, audiências públicas, reuniões de grupos de trabalho, rearticulação para novas estruturas de oferta da modalidade ocorreram². Ela não seria extinta, apenas remodelada porque sob os corolários da agenda neoliberal aquela modelagem tecnicista-pragmática educacional garantia nas *storytellings* do País em desenvolvimento acelerado a base mítica necessária para sua continuidade.

Em 08 de junho de 2006 a Presidência da República pelo Decreto n.5.800 dispôs sobre o Sistema da Universidade Aberta do Brasil– UAB explicitar e caracterizar as atividades de educação aberta no País, desde a definição-regulamentação de polos de apoio regional à supervisão e avaliação dos cursos³. Em 11 de julho de 2007, a Coordenação de

² De 2002 a 2008 ocorreu um grande *boom* expansionista de cursos superiores a distância no Brasil. Em fins de 2008 à força das denúncias em Ministérios Públicos Estaduais, conselhos profissionais de classe e indignação expressa em blogs, redes sociais e mídia televisiva. Uma sequência lenta de estruturação de um corpo legal ocorreu a partir do Ministério da Educação com a publicação de “Os referenciais de qualidade para a educação superior a distância” (2007) sob bases da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), dos Decretos n.5.622, de 20 de dezembro de 2005, n.5.773, de junho de 2006 e das Portarias Normativas 1 e 2, de 11 de janeiro de 2007. Com anos de atraso documento “Os referenciais...” sinalizava o que se esperava dos cursos EaD com clareza e coerência a concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem; sistemas de comunicação; material didático; avaliação; equipe multidisciplinar; infraestrutura de apoio; gestão acadêmico administrativa e sustentabilidade financeira (MEC, 2007, p.7)

³ Disponível no <http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=60:decreto-no-5800-08062006-decreto&catid=14:decretos&Itemid=44>. Último acesso em 28 de jun.de 2013.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES é reestruturada para atuar também na formação básica e continuada dos professores para a educação básica, com especial enfoque ao Sistema UAB:

O Sistema UAB funciona como articulador entre as instituições de ensino superior e os governos estaduais e municipais, com vistas a atender às demandas locais por educação superior. Essa articulação estabelece qual instituição de ensino deve ser responsável por ministrar determinado curso em certo município ou certa microrregião por meio dos polos de apoio presencial. (Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br>>. Acesso em: 26 mar. 2013.)

Municípios e unidades federais em conjunto com instituições de ensino superior articularam-se para ofertarem cursos na modalidade a distância pelo Sistema UAB em anos subsequentes aos escândalos do movimento de expansão sem regulamentação. No período de 2009 a 2012, o Sistema UAB tornou-se bóia de salvação para algumas universidades que se viram sob decretos de descredenciamento e, agora, tinham a possibilidade de se revitalizarem. Nas IFES- Instituições Federais de Ensino Superior o Sistema UAB teve um *boom* controlado, e até mesmo, com visto com desconfiança pelas universidades mais estabilizadas em sua trajetória histórico-institucional e nas relações com a sociedade.

Instituições agregaram-se ao Sistema UAB, os editais para oferta de cursos nas mais distantes localidades passaram a ocorrer. Nas políticas de distribuição de “bolsas” do governo federal, surgiram também as bolsas pesquisador e bolsa tutor no Sistema UAB. A boa vontade imperou naquelas instituições que necessitavam assegurar a educação a distância como modalidade, nas outras, era mais outro programa a ser implantado.

O modelo do Sistema UAB foi marcado em seu começo pela configuração estabelecida pelo Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro- CEDERJ, ainda em pleno funcionamento e com tradição da EaD no Brasil. Dele se utilizou a mesma lógica de produção taylorista-fordista para a produção de materiais didáticos (impressos) como carro-chefe dos cursos EaD, agora acoplados com ferramentas da mídia digital. A essa lógica de produção edulcorou-se o discurso da dialogicidade e multidisciplinaridade das equipes técnicas e docentes na arquitetura pedagógica dos cursos.

Em paralelo ao Sistema UAB, outras instituições de ensino superior-IES continuam a oferecer seus cursos, de fácil acesso para consulta e conhecimento no E-mec (<http://emec.mec.gov.br/>). Salienta-se que a presença do Sistema UAB tornou-se mais expressiva nos últimos 5 anos, embora seu primeiro Edital tenha sido publicado em 2005 e o segundo em 2006, com chamada pública para seleção de polos municipais de apoio presencial

e de cursos superiores a distância. Das licenciaturas clássicas para a formação de professores, a oferta também passou para os cursos de administração e tecnológicos. Alguns desses cursos de graduação possuem um gênero “borrado” ou “embaçado”, como é a Licenciatura em Computação, parte do objetivo dessa investigação.

Justificativas: Da Importância da didática, novamente

A Licenciatura em Computação possui ases junto aos documentos: “Plano Nacional de Formação de Professores - PAR”, “Currículo de Referência para curso de Licenciatura em Computação” de proposição da Sociedade Brasileira de Computação-SBC e das Diretrizes Curriculares de Cursos da Área de Ciências da Computação”. Nos projetos político pedagógicos de Licenciatura em Computação observados pode-se salientar que todos focalizam uma urgência na formação de docentes capacitados para atuação na educação em interface com a Informática.

A conjuntura de mundo apresentada nos textos dos projetos não deixa de mencionar as mudanças na sociedade contemporânea pela via do desenvolvimento acelerado das tecnologias da comunicação e da informação, bem como da necessidade de ser ter “mão de obra” qualificada para promover o diálogo educação (processo e fenômeno) com as tecnologias digitais, em especial as computacionais no seio da escola fundamental e sobretudo no ensino médio.

De forma linear-evolutiva a Licenciatura em Computação deveria formar professores com visão tecnológica abrangente para atuação profissional nas unidades escolares de ensino fundamental e médio, como também na educação profissional, além de outras esferas constituintes do mercado de trabalho liberal. Os princípios estruturadores do Sistema UAB persistem nessas licenciaturas e com especial reforço ao diálogo interdisciplinar para a construção de uma arquitetura pedagógica arrojada e capada de dar vazão às expectativas das sociedades regionais.

Tem-se a oportunidade de se trabalhar como docente numa Licenciatura em Computação. Procura-se, grupalmente, exercitar as demandas por reuniões de cunho dialógico, como reuniões inter-confessionais religiosas cumpridas semanalmente, e a buscar determinadas estratégias utilizando-se de ferramentas infotecnológicas disponíveis para a realização do trabalho pedagógico.

Os focos de discussão se repetem nas reuniões preparatórias dos módulos com o respectivo conjunto de disciplinas. E módulo após módulo repetem-se as mesmas questões: - como manter os estudantes “fidelizados” ao ambiente virtual de aprendizagem? – como manter a atenção dos estudantes com os materiais didáticos e ao mesmo tempo indicar-lhes a interligação de textos e *links*? – como possibilitar que os alunos se conscientizem da importância de um curso gratuito e não evadam?- como evitar a desistência e o abandono? – como não preencher tantos documentos, viver nessa preocupação burocrática e dar mais atenção aos alunos?

No conjunto das questões, cada vez mais intensamente se escuta: - o que nós, professores, entendemos pela licenciatura? – como manejar conteúdos e metodologias de ensino se não nos conhecemos disciplinarmente? – como oferecer aos estudantes uma outra possibilidade de entendimento da modalidade EaD como um passo para *online* sem a dependência do modelo presencial? A presente proposta de estudo nasceu dessas questões sobre a licenciatura borrada.

Em parte responder algumas dessas questões auxiliará a resolver alguns impasses administrativos gerenciais do cursos, mas por outro lado, o que está em jogo é como trabalhar numa perspectiva didática mais centrada numa licenciatura “borrada” além dos modelos tecnicistas e pragmáticos que as tecnologias educacionais neoliberais incitam?

Dos objetivos: Da fonte que não pode secar

Durante os últimos anos, à força das políticas educacionais implantadas no Brasil e por certo silêncio de grande parte dos intelectuais, nesse grupos, podem se incluídos inúmeros expoentes da academia educacional... ou do silêncio ou das falas somente com seus respectivos pares, criou-se a ilusão de não era mais necessário discutir aspectos didáticos dos processos pedagógicos. Por aplicativos e softwares ou até mesmo pelos discursos repetitivos da interpenetração das TIC nos domínios educacionais tudo estava resolvido. O resultado angariado foram discursos sofistas que enfatizaram a importância da formação de professores, da necessidade de políticas educacionais claras e do seguimento às agendas estabelecidas internacionalmente para os países em verdadeira fase de desenvolvimento. Ocorreu uma sensação de paralisação e uma esperança triste abateu-se sobre grande parte do professorado frente à decadência dos sistemas de ensino e da insegurança profissional vivenciada.

O presente estudo vem no resgate de algumas dessas esperanças tristes e a injetar ânimo para a continuidade de pesquisas nos domínios da educação e das tecnologias digitais com foco na formação de professores, em especial, no campo da didática. Dessa maneira, o objetivo que move e alenta é aprofundar por meio da didática a relação professor-aluno-conteúdos-tecnologias digitais a partir de licenciaturas consideradas “borradas”.

Metodologia

O estudo intencionalmente procura não se travestir de ineditismo, isto é, tem-se uma base de dados a ser analisada e a ser retirado dali evidências, fragmentos, sinalizações, angulações diferenciados, de modo a contribuir para a análise dos discursos dos agentes socio-educativos envolvidos no ambiente virtual de aprendizagem-AVA e a capturar as estruturas de construção de sentidos e significados dos estudantes e professores a partir de sua relação em fóruns e avaliações na Licenciatura em Computação.

Assume-se a importância de trazer contribuições de pesquisadores distintos das teorias das mediações e da recepção, como J.Martín-Barbero e Guillermo Orozco com enfoque nos processos de sociabilidade comunicacional em ambientes digitais, bem como a J.C. Libâneo com sua contínua retomada do saber-refletir e saber-atuar didaticamente.

Como fontes matriciais para o estudo têm-se utilizados bases documentais, como projetos pedagógicos, relatos de reuniões e materiais didáticos, e da circulação da informação e de seus conteúdos que perpassam pelos fóruns de uma das disciplinas iniciais, com o intento de se trabalhar mais além do que estão a dizer as palavras.

Discussão teórica: Da uma licenciatura “borrada”

Até o presente momento, criou-se um gancho próximo a uma narrativa de suspense, uum *cliffhanger* de um tópico a outro sobre os termos “borrada” e “embaçada” ao se referir a Licenciatura em Computação.

Os termo “borrada” e “embaçada” não se encontram no texto e muito menos na perspectiva do estudo como adjetivos depreciativos. Baseia-se, teoricamente, nas contribuições do antropólogo estadunidense Clifford Geertz (1926-2006) que salientou as possibilidades do exercício de observar pelas diferenças dos gêneros e tipos das coisas que se apresentam, ao mesmo tempo, que o modo de falar acaba se ressaltando também o grupo que se expressa.

A Licenciatura em Computação é um gênero borrado ou gênero embaçado (*blurred genre*). Em Geert (1983; 1989) o que está embaçado se refere a imagens, figuras, linhas que são vistas, mas não totalmente definidas por um único ângulo. Ao se apresentar, fazem-no de forma possível de ser descrita e analisada por alguém. Quem descreve trabalha o gênero narrativo, característico da comunidade cultural e ou científica à qual pertence. Quem fala sobre a Licenciatura em Computação é o MEC e a SBC.

Os professores começam pelo tatear das ações didático-pedagógicas a entender a exigência do veicular-se numa licenciatura borrada. Nas reuniões dos grupos de docentes de um determinado grupo inúmeras são as camadas de relatos e expectativas que se entrecruzam, elas são resultados de posicionamentos e métodos, algumas, em especial daqueles que vem das áreas ligadas às ciências da informação extremamente embaçadas (*blurred*). E nessa descoberta encontra-se o desafio do trabalho interdisciplinar e a necessidade da didática como mediação para a interlocução entre os docentes das ciências da informação e daqueles das demais licenciaturas que atuam nas disciplinas de veio pedagógico.

Ao declarar inconfidentemente a licenciatura como “embaçada” convida-se seus participantes a buscar caminhos didáticos sobre outras óticas e narrativas fora do eixo, que se percebe nitidamente, como reinterpretação da taxionomia de *Bloom*. O embaçamento pode permitir outra riqueza, isto é, do encontro das áreas consideradas diferentes e da possibilidade de nada se ter definido como dogma, mas roteiros breves para ações necessárias e imediatas.

Ao associar a didática à Licenciatura em Computação percebe-se que muito do que pensava ser teoria pedagógica possui origem em teorias informacionais ou cibernéticas, não tinham essa pretensão de direcionamento ao universo educacional. E ocorre um desprezo com relação à pedagogia e tudo aquilo que possa parecer uma sequência didática, por falta de conhecimento aprofundado.

É importante passar de uma concepção técnica instrucional da Licenciatura em Computação-EaD para algo mais elaborada teoricamente, recordando de uma aguçada alfinetada de Candau (2008) sobre a didática como

[...] um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o “como fazer” pedagógico, conhecimentos estes apresentados na forma universal e, conseqüentemente, desvinculados de problemas relativos ao sentido e aos fins da educação, dos conteúdos específicos, assim como do contexto sociocultural concreto em que foram gerados (p.27).

José Carlos Libâneo, numa primeira fase de estudos na década de 1990, recordou jesuiticamente que a didática possui em seu *corpus* a consubstancialização de uma “**teoria do ensino e** como actum a investigação dos “**fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino**” (LIBÂNEO,1990, p. 25-26). Em 2012, brinda com um acercamento mais aperfeiçoado, talvez por ter vivenciado também inúmeras experiências “embaçadas”:

A didática, assim, realiza objetivos e modos de intervenção pedagógicos em situação específicas de ensino e aprendizagem. Tem como objeto de estudo o processo de ensino-aprendizagem sem sua globalidade, isto é, suas finalidades sociais e pedagógicas, os princípios, as condições e os meios da direção e organização do ensino e da aprendizagem, pelos quais se assegura a mediação docente de objetivos, conteúdos, métodos, formas de gestão do ensino, tendo em vista a apropriação das experiências humanas social e historicamente desenvolvidas (Libâneo, 2012, p. 39).

A partir dessas contribuições, pretende-se dar continuidade ao levantamento e análise da relação professor-aluno-conteúdos-tecnologias numa licenciatura “borrada”.

Resultados dos dados em tratamento para análise

Tomou-se, inicialmente, a disciplina “Introdução a Ead” na Licenciatura em Computação com o intuito de verificar no universo dos 120 alunos matriculados em distribuídos em 4 polos de apoio regional distintos e não tão próximos no estado do Tocantins.

A modelagem das “aulas” *online* é configurada por uma 7 capítulos (conteúdos curriculares específicos da disciplina, denominados primeira de “aula”), uma sessão com 3 a 4 textos complementares (de temáticas e autores que discutem o conteúdo geral da disciplina ou específico da aula disponível naquela semana, textos em PDF), vídeos e imagens complementares, atividades direcionadas para verificação de aprendizagem e observância a uma cultura de auto-estudo e, por fim, o fórum.

O fórum para cada aula procura trazer narrativas em forma de questionamentos, enunciados em aberto ou fechados, relativos aos conteúdos da aula da semana. Tanto professores responsáveis pela disciplina quando tutores específicos podem interagir nesse espaço *off line*. Entretanto, algumas características do curso, dos alunos e dos conteúdos trabalhados surgem por detrás das palavras nos fóruns, que foram destacadas para

continuidade dos estudos. No quadro a seguir, elaborou-se um relatório de entradas-visualizações dos alunos e tutores nos fóruns.

Quadro 1 - Dados organizados com entradas e visualizações/fórum da disciplina Introdução-EaD/fev.mar.2013

Fórum-Aula	Número de Entradas com Respostas dos alunos	Número de visualizações dos alunos
Aula 1	126	581
Aula 2	142	1.024
Aula 3	82	465
Aula 4	72	120
Aula 5	47	301
Aula 6	70	220
Aula 7	71	300

Fonte: Educa-AVA, 2013.

Evidencia-se pelas respostas elaboradas pelos alunos no fórum da aula 7, como exemplo do estudo em realização:

Extratos do Fórum (Aula 7)

(Proposição)

Com os conteúdos da Aula 7, estamos finalizando a disciplina Introdução a Educação a Distância do primeiro módulo do curso de Licenciatura em Computação.

Para a discussão deste fórum chamamos a atenção para: “a EaD não é uma rede social de relacionamento como o Facebook, “onde todos são amigos de todos e os nossos amigos são amigos de ninguém”. A EaD mediada pela mídia digital estabelece novas linguagens e códigos pelo ciberespaço, mas o princípio pedagógico básico deve ser constantemente lembrado: - as pessoas se encontram sob uma relação de ensino-aprendizagem, cujo cenário, agora “virtualizado”, mantém desempenhos diferenciados entre os atores sócio-educativos.” (2013, p. 17)

Considerando todas as leituras e discussões já realizadas, vem uma questão: Porque o Facebook é mais sedutor que as aulas online, que princípios pedagógicos ele traz consigo?

bom dia, acredito que o facebook se torna sedutor pois através do mesmo as pessoas podem até mesmo vigiar a vida dos outros, saber de notícias que na maioria das vezes não tem importância apesar de não ter muito acesso, já as aulas online as vezes são difíceis pois requer muita atenção e compromisso e as pessoas não se dão conta da importância que as mesmas repassam a nós alunos.

O facebook é um ciberespaço com milhões de usuários. Ele nos envolve com seu fascino, pois podemos

encontrar e fazer amigos, vê o que os outros estão conversando nas suas postagens.

Na realidade essa febre do momento nada mais é que uma rede social de fofoca. Vejo que não estamos usando esse ciberespaço com inteligência, pois temos o facebook como passa tempo e não como uma ferramenta útil no nosso cotidiano.

Acredito que o Facebook torna-se mais atraente que as aulas online pela sua dinamicidade, ou seja, nessa, assim como em outras redes sociais, nada é estático, a todo momento estamos atualizando alguma coisa ou presenciando algo ser atualizado, o que de certa forma aguça em muito nossa curiosidade em saber “os babados” da rede. Penso que devido ao objetivo principal do Facebook, que é encurtar distancias e fazer com que pessoas se conheçam, não há um princípio pedagógico nesta rede social, até mesmo porque vejo a mesma como uma forma de lazer, que serve apenas para “passar o tempo”.

Bem, creio que a diferença é devido a diversidade de assuntos a que se relacionam os usuarios do facebook, como por exemplo postagens e divulgação de varios acontecimentos do mundo em geral e da propria vida particular do individuo como usuario, em tempo real no espaço virtual.

Enquanto que na EaD, estamos focados em assuntos pré definidos pelo curso, na busca por entendimento do que nos é apresentado, também de modo virtual, mais sem a mesma liberdade de expressão dos assuntos. Mais creio que ambos tem sua forma de colaboração em nosso aprendizado.

O facebook, em princípio, não pressupõe disciplina. O indivíduo fala o que quer, como querr e quando quer sem que, a rigor, lhe seja cobrado regras de comportamento, o que é lamentável. É tomado como um espaço de diversão. As aulas online exige do usuário todos os pressupostos para desenvolver um estudo a distância: disciplina, compromisso, persistência etc.

É como está no texto: "a EaD não uma rede social como o Facebook (...)". Você o define como uma rede de fofoca e o é, também. Embora possa ser utilizado com seriedade e bons propósitos. Já as aulas online, exigem compromisso por parte do usuário.

Acredito que o Facebook torna-se mais atraente que as aulas online pela sua dinamicidade, ou seja, nessa, assim como em outras redes sociais, nada é estático, a todo momento estamos atualizando alguma coisa ou presenciando algo ser atualizado, o que de certa forma aguça em muito nossa curiosidade em saber “os babados” da rede. Penso que devido ao objetivo principal do Facebook, que é encurtar distancias e fazer com que pessoas se conheçam, não há um princípio pedagógico nesta rede social, até mesmo porque vejo a mesma como uma forma de lazer, que serve apenas para “passar o tempo”.

É um espaço virtual sem compromisso, de relacionamento.

Bem, creio que a diferença é devido a diversidade de assuntos a que se relacionam os usuarios do facebook, como por exemplo postagens e divulgação de varios acontecimentos do mundo em geral e da propria vida particular do individuo como usuario, em tempo real no espaço virtual.

Enquanto que na EaD, estamos focados em assuntos pré definidos pelo curso, na busca por entendimento

do que nos é apresentado, também de modo virtual, mais sem a mesma liberdade de expressão dos assuntos. Mais creio que ambos tem sua forma de colaboração em nosso aprendizado.

Na minha opinião o facebook é uma rede que não exige regras, nem tão pouca disciplina, as pessoas utilizam de forma informal e sem qualquer tipo de compromisso, ou seja, o facebook é visto como uma diversão. Já as aulas online exige do usuário todos os requisitos existentes em uma sala de aula presencial, ou seja, é necessário, compromisso, responsabilidade, organização e principalmente disciplina para a realização de todas as atividades propostas.

Porque o Facebook é mais sedutor que as aulas online da EAD? Para compreender esse processo, é necessário conhecer a cultura dos sujeitos envolvidos neste processo, que valoriza algo em detrimento de outro. Os valores humanos, não têm valor em si, são meios usados para atingir um estado emocional, que o sujeito deseja alcançar.

A maioria dos nossos estados emocionais de felicidade é atingida no momento da mínima responsabilidade. Responsabilidade esta que pode ser identificada como ausência do medo, das ameaças a vida. Para não super carregamos nossa mente de tensão, ficam mais leve, menos tensionados de responsabilidades, é nesta leveza e ausência de tensão emocional que aproximamos da felicidade. Luta pela qual a espécie humana se envolveu a busca da felicidade.

O Facebook é divertido sem seriedade, pode ser considerado um desabafo, bem humorado. Enquanto o estudo na EAD, é um ato carregado de responsabilidade, causa muito tensão, no sistema neural do indivíduo, provocando um cansaço constante, mesmo que o sujeito saiba que é útil e necessário, mas, não é o suficiente para promover uma resistência imediata a felicidade.

A felicidade é o fim de todas as ações humanas, todas nossas intenções são boas, porém nossas ações é que pode não ser tão boas. A intenção de buscar a felicidade, é que gastamos mais tempo no facebook, mais que estudando os conteúdos da EAD. Que pode nos levar uma suposta felicidade, mas, no futuro, somos também imediatista.

Na minha opinião o facebook é uma rede que não exige regras, nem tão pouca disciplina, as pessoas utilizam de forma informal e sem qualquer tipo de compromisso, ou seja, o facebook é visto como uma diversão. Já as aulas online exige do usuário todos os requisitos existentes em uma sala de aula presencial, ou seja, é necessário, compromisso, responsabilidade, organização e principalmente disciplina para a realização de todas as atividades propostas.

Acredito que a atratividade superior do Facebook frente às aulas online, deve-se ao fato do mesmo ser um ambiente de inserção, captura, e compartilhamento de informações caracteristicamente descompromissadas com o formalismo e as exigências presentes em processo de ensino e aprendizagem acadêmica, como na EAD, ou seja, é um local virtualmente reconhecido e usado em maiores proporções, para diversão e/ou entretenimento. É claro também, que o Facebook tem sua utilidade sociocultural por ser muito popular, por exemplo, ajuda a muitas pessoas encontrarem mais opções em suas escolhas, quando buscam por respostas em variados assuntos, como política, compras, reputação de empresas e produtos, opiniões diversas, etc. Portanto, toda essa gama de atividades e serviços não trazem princípios pedagógicos (objetivos de educação, currículo, aprendizagem, ensino e perfil predefinido para alunos) em sua proposta

e prática.

Lendo a postagem da colega XXXXXXXX, lembrei-me de um comentário que fez um colega num certo dia. Ele me disse que se há uma coisa de que todo mundo gosta é sombra e água fresca. Que passar dias e dias deitado em uma espaçosa e macia rede à beira de uma praia pitoresca, sob a sombra de coqueiros, sentido o leve deslizar da amena brisa da manhã no rosto, é o sonho de qualquer um; no entanto com uma condição: desde que não seja por obrigação.

Por isso concordo com a fala da colega XXXXXXXX, porque geralmente o que a boa parte das pessoas querem mesmo é fugir de práticas que demandam novas responsabilidades, as quais requerem compromisso e dedicação nos novos desafios que certamente sobrevirão. Desafios requerem esforço. Estes requerem aplicação.

O facebook é como uma praia onde todo mundo apenas pensa em relaxar e nada mais, onde disciplina, administração do próprio tempo, organização e aplicação no estudo das matérias, etc., são substituídos pela espontaneidade. Se os cursos da UAB passassem a ser realizados no facebook e este fosse acessado no AVA, provavelmente o número de cadastros neste último cresceria sobremaneira, e o facebook praticamente desertificaria.

Pelo simples princípio de que você usa o facebook para a interação, postando aquilo que lhe agrada, sem ter o mínimo compromisso com o que está olhando ou colocando na rede, já as aulas online também usam a interação mais com maior compromisso, com tempo limitado para postagem dos trabalhos, e realizações das avaliações.

Eu particularmente acredito que o facebook se torna mais sedutor por vários motivos como, por exemplo: através do mesmo as pessoas podem vigiar a vida dos outros e falar o que pensa dos outros sem dar importância ao que isso vai trazer para as outras pessoas, saber de notícias de maneira maldosa que na maioria das vezes não tem importância apesar de não ter muito acesso, mais ele tem sua qualidade que tem milhões de pessoas acessando e nos traz várias notícias boas, ele nos permite conversar com várias pessoas ao mesmo tempo falar com pessoas que não vimos muitos anos, isso é uma qualidade, por isso ele tem qualidade e também tem seus defeitos. Já as aulas online as vezes são mais difíceis pois elas nos requerem muita atenção e compromisso e as pessoas não se dão conta da importância que as mesmas repassam a nós alunos, estamos nos esforçando para ter mais conhecimento.

O facebook é um mecanismo pelo qual várias pessoas de lugares diferentes estão conectadas o tempo todo e é por ele que as pessoas ficam sabendo de vários assuntos, temos acesso à informação, notícias e muito mais. Agora quando o assunto é estudo, é diferente, como você deve ter visto, nós acadêmicos temos que ter responsabilidade quanto à navegação e devemos ficar atentos às aulas. Mas tem algumas ocasiões em que o facebook ajuda muito, como ter vários amigos e numa precisão você pedir ajuda, como meu seminário foi quase todo debatido pelo facebook. E como o próprio classificador já diz, o facebook é uma rede social, ou seja é um meio pelo qual nos inserimos na sociedade de forma útil ou não, basta que cada um faça sua escolha. Assim o facebook pode ser útil nas aulas online, desde que o aluno leve a sério e diferencie a aplicação da ferramenta entre lazer e estudos.

O facebook é mais sedutor pelo fato de não haver nenhum tipo de compromisso com o que ou com

quem se fala. E a possibilidade da formação de relacionamento não apenas de amizade. Já no sistema EaD o objetivo é a troca de conhecimento de forma produtiva em torno de um tema e específico o que gera para muitos um caráter formal e isso leva um afastamento.

Infelizmente o facebook está sendo subutilizado ou utilizado de forma desvirtuada. Entretanto é um espaço que, se bem utilizado, pode contribuir bastante. Imagina uma comunidade formada para discutir os impactos da EaD na formação. Ou para analisar as intencionalidades do sistema. Ou para discutir os assuntos estudados no decorrer do curso.

Realmente o face, com e chamado pelos os íntimos traz uma curiosidade enorme na vida de muitos, pois são vastos os comentários, as curtidas, os compartilhamentos deixando uma dependência de muitos que mesmo executando algumas tarefas online se torna viciado nessa rede social.

Olá quero aqui dar meu ponto de vista sobre a discussão que está aberta. Concordo que o facebook é sim mais sedutor devido a forma que a sociedade o utiliza, acham que ali por ser uma página pessoal "pode tudo", mas na verdade não é bem assim o facebook na minha ótica deve ser utilizado com seriedade para que nele o indivíduo possa trocar experiências fundamentais na formação de ser humano. Quanto as aulas online acredito que ele pode contribuir e muito pois como já foi dito o que se tem que fazer é saber usar. Dessa forma entende-se que o lado bom deve ser explorado que é a facilidade de demonstrar e compartilhar experiências significativas para a conduta humana frente a sociedade contemporânea.

olha vejo diferença devido a diversidade de assuntos a que se relacionam os usuários do facebook, como por exemplo postagens e divulgação de vários acontecimentos do mundo em geral e da própria vida particular do indivíduo como usuário, em tempo real no espaço virtual.

Enquanto que na EaD, estamos focados em assuntos pré definidos pelo curso, na busca por entendimento com o que nos é apresentado, também de modo virtual, e também com a mesma liberdade de expressão dos assuntos onde podemos discutir sobre vários temas restritos apenas a interessados e pessoas pre selecionadas onde já se sabe do que tratar durante o tempo em que estiver participando dos trabalhos. Mais creio que cada um tem um objetivo final bastante peculiar. porém a princípio estamos conectados mais cada um com o objetivo diferente.

Eu particularmente não tenho nada contra, mas não sou fã nem um pouco de facebook. Tenho consciência que é uma rede social que muito contribui para o relacionamento entre as pessoas. Mas muitos desviam o bom uso e utilizam para provocar ou agredir outras pessoas ou fazer comentários infundados, em fim, muitos usam para se aparecer. Não estou generalizando, pelo contrário, vejo um potencial muito grande no uso do facebook. Sabemos que há muita exposição e a privacidade das pessoas acaba sendo exposta em diversos aspectos. Acredito que devido a quantidade de usuários poderia ser explorado para diversos fins, principalmente para proporcionar um ambiente virtual de aprendizagem. Enquanto na EaD são utilizados ambientes parecidos mas o compromisso e a responsabilidade é muito grande para todos os envolvidos. Talvez seja isso o motivo pelo qual algumas pessoas preferem o facebook.... A verdade é, que muitos não suportam o excesso de responsabilidade.... Na EaD requer isso e muito mais, requer compromisso, dedicação e objetivos a serem alcançados.

- - Escapismo por respostas de ordem estritamente de uma moral particularizada; respostas que se distanciam dos conteúdos do texto com intentos de ressaltar experiências vividas ou problemas de ordem particular com necessidade de ser resolvidos; exigência de que as questões tragam indicativos diretos das respostas pelo texto principal da aula; respostas com marcas de cópia de outras fontes; respostas lacônicas.
- - Ao se modificar o enfoque de algumas questões, aproximando-as de situações veiculadas pelos meios massivos de comunicação ou se obtém o silêncio como resultado ou respostas moralizantes. A associação de conteúdos apreendidos com os conteúdos trabalhados expressa larga distância, questionando o próprio planejamento didático para a disciplina.
- - Pouco interesse para responder é proporcionalmente inverso ao número de visualizações. Mesmo matriculados, grande parte dos alunos mantém distante dos fóruns, mesmo quando são comunicados que serão utilizados como mediações avaliativas.
- - O número de visualizações com silêncios, assemelha-se ao fenômeno do “voyerismo” digital presente em salas de bate-papo (chats) de portais de entretenimento.
- - Os alunos não se deram contam que estão numa Licenciatura em Computação, no perfil do ambiente virtual de aprendizagem e pelos dados pessoais, percebe-se que muitos estão realizando uma segunda graduação, e pequena parte deixa entrever que ainda não possui habilidades em lidar com o próprio computador.

Frente a essas primeiras evidências, o estudo tende a prolongar-se pelos dois semestres subseqüentes.

À guisa de continuidade

Como um estudo em estado de depuração, pretende-se mais aprofundar na caracterização da categoria licenciatura “borrada” diante das demais ofertas do Sistema UAB. Frente a isso, trabalhar com os docentes, enquanto emissores-receptores a importância da perspectiva didática extra eixo da taxonomia; por fim, tanto com alunos-emissores-usuários-receptores e professores-emissores-receptores realizar um levantamento de suas histórias de vida midiática para o entendimento dos conteúdos dos silêncios e as inúmeras pontes interpretativas que realizam sobre os conteúdos trabalhados. Por vezes trabalha-se numa direção e as interpretações dos receptores num impulsionam para outros territórios

desconhecidos. A riqueza do “embaçamento” aí se encontra, nada está definido e muito ainda por se fazer.

Referências Bibliográficas

CANDAU, , Vera Maria Ferrão (Org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1989.

_____. **Local Knowledge**. New York: Basic Books, 1983.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990. _____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. “Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática”. In: _____. ALVES, Nilda (org.) **Temas da pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, Ed. Da UFRJ, 1997.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara, Instituto Mexicano para o Desenvolvimento Comunitário. A C., 1997.

OROZCO, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, (10): 57 a 68, set/dez. 1997.

BRASIL. MEC. Referenciais de qualidade para a educação superior a distância. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2007.

_____. Ministério da Educação. **Indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação a Distância, 2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2013.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2013.